

## OS ARTIFÍCIOS DA SEDUÇÃO

---

REGINA ZILBERMAN\*

---

Nas várias investigações dirigidas à obra de Erico Verissimo, é recorrente a alusão às distintas fases por que passou sua temática. Essas se desdobram, progressivamente, da primeira novela, **Clarissa**, de 1933, a seu derradeiro romance, **Incidente em Antares**, publicado em 1971. Por sua vez, o escritor, que se manteve ativo até 1975, ano de seu falecimento, se não interrompeu sua linha de reflexão a propósito da realidade social circundante, deu-lhe rumo inusitado após o último livro de ficção.

Com efeito, a partir de 1972, incluindo-se o lançamento póstumo do segundo volume das memórias, verifica-se uma tentativa de balanço simultaneamente existencial e literário, segundo esforço de auto-avaliação que, por ser público e compartilhado com os leitores, adquire dimensão ampla e extremamente digna. Em decorrência não se pode deixar de analisar este período final de sua trajetória literária, mesmo porque é esta produção retrospectiva que nos oferece elementos para compreender as relações de Erico Verissimo com o público e com a literatura, enquanto objeto de consumo.

Um certo Henrique Bertaso, livro comemorativo não apenas da

\*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

amizade que sempre uniu Erico a seu chefe imediato na Livraria do Globo, como também da dedicação do novelista à empresa, inaugura a fase autobiográfica e reflexiva. E deixa transparecer como o autor concebia sua carreira artística, dividindo-a em duas grandes épocas. À primeira, correspondem as décadas de 30 e 40, em que trabalhou intensamente na seção editorial (afora as curtas temporadas em que esteve nos Estados Unidos, assunto de sua literatura de viagem); à segunda, as décadas seguintes, quando se desligou deste primeiro e único emprego na capital gaúcha, conservando apenas os laços afetivos e comerciais com a Livraria.

É o período inicial, transcorrido entre 1930 e 1950 e apresentado com detalhes naquele livro, que nos permite compreender as intermediações do escritor com seu público, as quais repercutem nos romances escritos nesta ocasião e iluminam o modo como a obra projeta seu consumo pelos aficionados da literatura. Além disto, são estes anos de iniciação, quando seu ofício não se restringia apenas à redação de romances e novelas, mas englobava funções de outra ordem, que se evidencia o perfil mais completo do intelectual e homem de ação Erico Verissimo. Todavia, estas funções eram bem mais artesanais e menos nobres, distribuindo-se entre a edição da **Revista do Globo**, conforme confessa, acompanhado de uma tesoura e um vidro de goma arábica, a escrita clandestina de contos, assinados por "autores" estrangeiros, inventados segundo a necessidade do editor, fossem eles ficcionistas ou poetas, e ainda a tradução intensa de novelistas europeus.

Trata-se, pois, de uma atuação intelectual antes de mais nada operária, voltada à consolidação da editora. Ajuda-o, depois, na sua promoção a conselheiro editorial de Henrique Bertaso, tornando-o, então, mentor de séries que vieram a se consagrar, como, inicialmente, a Coleção Nobel, e, mais tarde, a Biblioteca dos Séculos, que se converteram na marca registrada da casa editora sul-rio-grandense.

Solidificar uma editora dependeu em grande escala do alargamento das ofertas literárias, aumentando o leque de escolhas com que podia se deparar o leitor brasileiro nos anos 30. Esta

ampliação pode ser comprovada nas linhas editoriais diferenciadas que, se dignificavam a Livraria do Globo, demonstravam igualmente as inúmeras atividades em que se desdobrava o homem de letras. De um lado, enquanto orientador da Coleção Nobel, introduzia no Brasil os revolucionários do romance contemporâneo, tais como Aldous Huxley, Katherine Mansfield, Virginia Woolf, Marcel Proust, acompanhando, neste plano, o processo de modernização por que passava nossa literatura, deflagrado pelos projetos dos futuristas, nos anos 20, e de seus diferentes sucessores.

De outro lado, enquanto escritor, não deixou de conciliar duas situações em princípio antagônicas: a participação no surto renovador experimentado pela literatura sulina, que congregava na mesma editora os contemporâneos Cyro Martins, Reynaldo Moura, Dyonélio Machado, Vianna Moog, entre outros; e a redação de textos em que se patenteia o fito mais premente de ganhar dinheiro. Isto leva-o, não apenas ao exercício da tradução, mas também à elaboração de livros infantis e até didáticos, como **Aventuras no mundo da higiene** ou **Meu ABC**, estas últimas presentemente expurgadas nas edições encadernadas das Obras Completas.

É a necessidade de equilibrar o orçamento que o empurra a equilibrar estas situações contrastantes. Por sua vez, está presente nesta atitude a compreensão de um fenômeno raro na literatura brasileira: a de que o caráter profissional da atividade literária não prescinde de um envolvimento profundo com todos os aspectos da produção de um livro, incluindo-se o às vezes camuflado, mas sempre inevitável, interesse comercial.

Porém, não se pode perder de vista que todo este comprometimento é ainda intelectual, porque fortemente relacionado à necessidade de formar e reter um público. Neste sentido, a consolidação de uma empresa comercial, no caso, a seção editorial da Livraria do Globo, representava o estabelecimento de uma ponte com o leitor nacional, numa época em que esta condição — a relativa ao exercício regular do ato de consumir e ler livros — era ainda mais precária na sociedade brasileira. Mas que, por outro lado, começava a acelerar seu ritmo de desenvol-

vimento, como decorrência de modificações sociais ocorridas. Estas se deviam à aceleração, ainda que tardia, do processo de industrialização, assim como à expansão das classes médias, após o sucesso do ciclo econômico do café, no século XIX. É o que propicia a cristalização de uma burguesia urbana no país, especialmente no sul, com algum excedente financeiro, canalizado para o consumo de bens, um deles sendo o livro.

Por causa disto, esse novo grupo social, escolarizado e mais mobilizado culturalmente, apresenta-se como o público potencial de leitores, cabendo, pois, seduzi-lo para a literatura da ficção, e não apenas a didática ou informativa. Erico, assumindo os ofícios múltiplos mencionados antes, comprova ter assimilado o fenômeno e as carências em que ele incidia, vindo a congregar, por conseqüência, as diferentes opções que se ofereciam. Com isto, torna-se um dos representantes mais credenciados (os outros sendo Monteiro Lobato e Graciliano Ramos) de uma das modalidades de intelectual que floresceu do período: aquele que, evitando exercer uma profissão liberal que o desviava das Letras, também não aceitou se colocar sob o teto protetor do Estado. Pois, se este podia ser maternal, acentuava, por outro lado, a aceitação do paternalismo característico de nossa formação histórica, para não se mencionar o autoritarismo que emanava, naquela década de 30, uma vez que se fazia à sombra de Vargas.

Nunca foi demasiado insistir na postura liberal que Erico Verissimo assumiu em sua ficção, intensificando-se sua coloração política a partir dos últimos romances. Examinando sua obra posterior, esta que se debruça sobre o passado, verifica-se que esse liberalismo tem a ver com uma atitude profissional no tratamento da literatura, porque calçada na noção que faz do público leitor, aparecendo este, a todo momento, como o alvo preferido do interesse do escritor. O resultado é igualmente uma postura estética, já que a narrativa aparentemente fácil, que sempre faz questão de produzir, não pode ser desvinculada deste empenho amplo visando à atração do leitor.

Há, por conseqüência, toda uma malha de sedução que envolve não apenas a obra literária de Erico, mas também sua vida inte-

lectual. Sem dúvida, aquela se lança para dentro do texto, determinando os intercâmbios entre o autor e seu leitor, o que revela a ampla dimensão social que assume, para além da representação temática. É o que convoca o pesquisador para uma tarefa suplementar, qual seja, o delineamento intratextual do destinatário, portanto, do diálogo que se estabelece entre o ficcionista e o consumidor da obra, completando, enfim, o desenho desta malha de sedução que, se nos prende e cativa, é porque, ao fim e ao cabo, o plano deu certo.